

**MOBILIZAÇÕES POLÍTICAS E A ACIRRADA CAMPANHA  
ELEITORAL NA PARAÍBA EM 1950: JOSÉ AMÉRICO (COLIGAÇÃO  
DEMOCRÁTICA PARAIBANA) *VERSUS* ARGEMIRO DE  
FIGUEIRÊDO (ALIANÇA REPUBLICANA).**

Jivago Correia Barbosa<sup>1</sup>

Na Paraíba, dois candidatos de peso disputaram o governo em 1950: de um lado, José Américo de Almeida, homem de letras, escritor premiado, autor do romance “A Bagaceira” (1928), que “*abriu nova fase na história literária do Brasil*”, segundo Otto Maria Carpeaux (CARPEUX *Apud* ALMEIDA, 1997. p.xx)<sup>2</sup>, que já havia ocupado vários cargos importantes: Governador do Norte-Nordeste após a “Revolução” de 1930; Ministro da Viação e Obras Públicas do Governo de Vargas; candidato à Presidência da República em 1937 e, na época das eleições de 1950, exercia o cargo de Senador, eleito pelo Partido Libertador na Paraíba em 1947. Do outro lado, encontrava-se Argemiro de Figueiredo, nome de grande importância na política paraibana, tendo ocupado o cargo de Interventor, nomeado por Vargas, de 1935 a 1939<sup>3</sup>.

Sem sombra de dúvidas podemos afirmar que a disputa ao Governo do Estado em 1950 entrou para a história da política paraibana como uma das mais longas, acirradas e violentas já estabelecidas até então. Após a redemocratização do país, a Paraíba vivenciou duas campanhas de curta duração, que não geraram grandes conflitos entre os partidários das diversas chapas que lutaram durante esses anos de transição.

### 1. Os primeiros passos.

O ano de 1949 ficou marcado como o período de pré-lançamento das candidaturas dos principais partidos à Governador do Estado. No final do mês de janeiro, Argemiro concede uma entrevista ao Diário de Pernambuco colocando mais lenha na fogueira da discórdia que inflamava, cada vez mais, os ânimos dos partidários da UDN e do PSD. Queixando-se da postura do ex-companheiro de partido, ele acusa

---

<sup>1</sup> Mestrando em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) na linha de pesquisa em História Regional.

<sup>2</sup> Ver também do mesmo autor: **Reflexões de um cabra** (novela-1922), **A Paraíba e seus problemas** (1923), **O Boqueirão** (romance-1935) e **Coiteiros** (romance-1935).

<sup>3</sup> Antes de Argemiro de Figueirêdo, dois outros Interventores já haviam ocupado o cargo na Paraíba: Antenor Navarro (1930-1932) e Gratuliano Brito (1932-1934). Sobre a Interventoria de Argemiro ver SANTANA, Martha M. F. de Moraes. **Poder e Intervenção Estatal – Paraíba: 1930-1940**. João Pessoa: Universitária/UFPB, 2000.

José Américo de traição, desonra perante os antigos companheiros/aliados da UDN e violação de diversos acordos firmados durante as campanhas de 1945 e 1947.

Violou o acordo escrito, firmado em presença do atual governador da Paraíba, pelo qual se obrigara a não fazer aliança, com o PSD, nas eleições municipais (Campina Grande), contra a UDN.

E sou eu o traidor! Eu nunca violei compromissos políticos, e que, mesmo nos limites da minha obscuridade, sempre honrei a palavra empenhada (ARGEMIRO *Apud* DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 30 de janeiro de 1949. P.01).

Estava selado definitivamente o rompimento entre os dois chefes políticos fundadores da UDN na Paraíba. Esse rompimento já havia se concretizado desde o apoio de José Américo à Elpídio de Almeida (PSD) contra Veneziano Vital do Rêgo (UDN). A aliança entre Ruy Carneiro e ala americista foi enfatizada pelo próprio José Américo que admitiu, anos antes, em uma entrevista: “É um acordo latente da periferia para o centro, do plano municipal para o estadual, que já não há força humana capaz de abalar” (ALMEIDA *Apud* SYLVESTRE, 1982. P.165).

Em maio de 1949, a ala americista – composta de dissidentes udenistas – se uniu mais uma vez ao PSD para derrotar o candidato da UDN à presidência da Assembléia Legislativa. Essa seria outra grande derrota udenista nos últimos anos, um apoio imprescindível à candidatura de José Américo.

## **2. Aliados e inimigos: os grupos sócio-econômicos e municipais atrelados a campanha de José Américo e a composição partidária da oposição (UDN).**

### **2.1 A Coligação Democrática Paraibana.**

A composição partidária encabeçada pelo Senador José Américo viria a ser ampliada a partir da mesma Coligação que disputou as eleições de 1947, na disputa entre Elpídio e Veneziano. Essa vitória foi de fundamental importância para os grupos políticos que compunham a Coligação, pois como vimos em tópicos anteriores, representou a primeira grande derrota da UDN argemirista para o PSD de Ruy Carneiro com o apoio de José Américo.

Para a definição da sigla foi necessário o poder de convencimento dos líderes da antiga Coligação Democrática Campinense, José Joffily e Octávio Amorim. Estes conseguiram demonstrar – a ala americista e aos outros partidos aliados – que os termos “Coligação” e “Democrática” tiveram grande importância para a vitória nas eleições de

1947, e que a única alteração que deveria ser efetuada era a substituição da palavra “Campinense”, num sentido mais local e restrito a uma parte do Estado, para a ampliação do termo em relação a todo o Estado: “Paraibana”!

A partir de agora a Coligação Democrática Campinense estava formada e seria composta pelos seguintes partidos e segmentos políticos: Partido Social Democrático (PSD), encabeçado por Ruy Carneiro e José Joffily; os dissidentes da UDN, batizados de “ala americista” – já descrita em tópicos anteriores e que estavam atrelados ao Partido Libertador (PL) –; o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB); o Partido Socialista Brasileiro (PSB); o Partido Democrata Cristão (PDC); alguns poucos militantes do movimento de esquerda (“comunistas”) e integralistas PRP (SYLVESTRE, 1982. P.173).

Após um longo período de debates, viagens, banquetes, acertos, desacertos e inúmeras promoções políticas de toda ordem, os primeiros nomes foram estabelecidos pela Coligação para a disputa do pleito que se aproximava. Os candidatos escolhidos foram:

<b>GOVERNADOR</b>	<b>José Américo:</b> nome que já estava praticamente estabelecido desde o término das eleições de 1947. Segundo ele, uma “fórmula que lhe fôra imposta pelos seus correligionários, como a única salvadora” (ALMEIDA, 1994. P.109).
<b>VICE-GOVERNADOR</b>	<b>João Fernandes de Lima:</b> empresário influente na região dos municípios de Mamanguape e Rio Tinto, foi um dos principais financiadores, foi um dos principais financiadores da campanha.
<b>SENADOR</b>	<b>Ruy Carneiro:</b> principal líder do PSD, populista e carismático, foi o último interventor durante o período estadonovista.

Em entrevista, realizada vinte seis anos depois, em maio de 1976, aos historiadores Aspásia Camargo e Eduardo Raposo, José Américo afirma que o motivo maior do acordo com o ex-interventor Ruy Carneiro seria derrotar uma determinada “(...) ala da UDN composta por Oswaldo Trigueiro, então governador do Estado, e Argemiro de Figueiredo” (CAMARGO, 1984. p.328).

No dia 15 de agosto de 1950, uma sessão extraordinária do PSD em Campina Grande – ao lado dos demais partidos da Coligação – definiu o número de candidatos para os cargos de deputado federal e estadual. Para a ala americista foram disponibilizadas 15 vagas; para o PSD foram reservadas 25 vagas. Na ala americista o nome mais importante era o de Elpídio de Almeida, prefeito de Campina Grande e candidato a deputado federal. Entre os nomes mais importantes do PSD campinense estavam: José Joffily, indicado a reeleição para o cargo de deputado federal. Para

deputado estadual os nomes mais conhecidos da política campinense foram: Antônio Luiz Coutinho, Presidente da Câmara de Vereadores de Campina Grande com grande influência sobre os distritos de Puxinanã, Pocinhos e Lagoa Seca, pertencia a uma das famílias anti-argemiristas (Os Coutinho) daquela região; Octávio Amorim, um dos baluartes do PSD na campanha de 1947; o capitão do Exército Antônio Rodembusch, vice-prefeito de Campina Grande, também eleito em 1947; o coronel Severino Cabral e Francisco Barreto.

Um dos responsáveis pelo desenvolvimento da campanha da Coligação Democrática Paraibana nos sertões paraibanos foi José Joffily, que realizou constantes viagens com o intuito de estabelecer e firmar parcerias com os chefes políticos locais, a exemplo dos candidatos a deputado estadual na cidade de Souza, Adenio Lima, e em Monteiro, Jacinto Dantas.

Além dos políticos carreiristas, diversos grupos sócio-econômicos estavam atrelados a Coligação durante a campanha: estudantes com grande articulação política, a exemplo de Félix Araújo – que fora candidato a constituinte no ano de 1945 e a deputado estadual em 1947 pela legenda do Partido Comunista –, um dos responsáveis pela elaboração da campanha de José Américo, tornando-se compositor do hino do candidato da Coligação Democrática Paraibana, como veremos mais adiante; intelectuais de renome, a exemplo do grande escritor José Lins do Rêgo<sup>4</sup> – amigo e grande admirador do escritor e político José Américo – que veio à Paraíba e discursou em vários comícios. Em um destes, proferiu uma frase que se transformou em manchete nacional: “Quem não votar em José Américo é porque não tem vergonha na cara!” (RAMOS, 1991. p.41).

Também apoiavam a campanha os pequenos e médios proprietários, empresários e comerciantes pertencentes aos diversos partidos que compunham a Coligação. Entre os empresários da região de Campina Grande estavam: o “Grupo dos Mota”, encabeçado por Francisco da Mota, dono do maior curtume de couro da região e um dos maiores do Brasil; e o Grupo SB Cabral, dono das grandes agências de veículos Oliveira Ferreira e Companhia.

---

<sup>4</sup> Sobre a fraternidade entre José Américo e José Lins do Rêgo ver o capítulo **“O CONTADOR DE HISTÓRIAS”**, uma crônica escrita por José Américo para o Jornal O Cruzeiro – dias depois da morte de José Lins do Rêgo – e publicada anos depois no livro **Eu e Eles** do próprio José Américo: “Adeus meu amigo. Prometo ficar pelo resto dos meus dias contando a tua história, como sabias contar a teus inúmeros convivas” (ALMEIDA, 1994. P.209).

Outro importante apoio partiu de boa parte das periferias urbanas do litoral e das outras regiões do Estado. Segundo Pedro Gondim, que sucedeu José Américo no governo do Estado e foi seu correligionário em 50: “As forças populares estavam mais propensas a apoiar José Américo e deram disso a melhor demonstração” (CAMARGO, 1984. p.405).

### 2.1.1 O apoio de Getúlio Vargas a candidatura de José Américo.

O desempenho político de José Américo sempre esteve indissoluvelmente ligado à figura de Vargas e, sobretudo, à era getuliana. Dessa forma o único candidato, a governador da Paraíba, que poderia receber o apoio de Vargas indiscutivelmente só poderia ser um, José Américo. Esse importante apoio, talvez o mais importante de todos, partiu do então Senador Getúlio Vargas – candidato do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) à presidência da República – quando esteve em campanha na Paraíba no dia 25 de agosto, numa quinta-feira, percorrendo as cidades de Souza, Campina Grande e João Pessoa. Curiosamente antes da consolidação do nome de José Américo como candidato a Governador pela Coligação Democrática Paraibana, o seu nome havia sido indicado – como ele próprio afirma – “por intermédio de Danton Coelho e outros, para companheiro de chapa de Getúlio Vargas, como Vice-Presidente, lembrança que declinei” (ALMEIDA, 1994. P.109).

Evocando a luta encabeçada pelos dois durante a “Revolução de 1930”, o jornal O Rebate, da cidade de Campina Grande, estampou a confirmação da aliança entre os dois candidatos:

Getúlio Vargas acaba de recomendar ao Eleitorado paraibano o nome de José Américo para Governador da Paraíba!

Como em 1930, Getúlio Vargas e José Américo dão-se as mãos para a Divina Eucaristia da redenção do Brasil!

Paraibanos, sentido! Por José Américo e Getúlio Vargas. (O Rebate, 19 de agosto de 1950. P.01).

No mês de agosto, durante visita aos estados da Região Nordeste, Getúlio Vargas esteve no estado paraibano visitando a capital João Pessoa e em Campina Grande. Nos dois gigantescos comícios que se realizaram a partir dessa visita, ele não só recomendava José Américo para governador, como também discursava a seu favor. Esse apoio como já frisamos, fora de fundamental importância para a campanha da Coligação.

(...) O desejo de resolver o problema do Nordeste, prevalecendo sobre qualquer outro, foi um fator que me induziu a confiar a Pasta da Viação, onde sua personalidade se afirmou com relevo, ao Dr. José Américo de Almeida providencia, ao mesmo tempo, segura e metódica (LUNA, 2000. P.66).

Interessante ressaltar que embora recebesse o apoio incondicional de Getúlio Vargas, José Américo não o retribuiu da mesma forma, não defendendo em nada a campanha varguista no seu estado. O PSD, que apoiou a campanha de José Américo na Paraíba, coligava-se à campanha de Cristiano Machado – candidato nacional do partido e adversário político de José Américo – para Presidente da República e esse teria sido o motivo pelo qual José Américo não firmara apoio à candidatura de Vargas.

Eu sei que houve certas acusações de que eu (José Américo) não teria votado nele. Mas, apesar de Getúlio ter apoiado meu nome em praça pública, na Paraíba, nesse nosso encontro no Rio eu lhe disse: ‘Não posso ajudá-lo nessa eleição, porque me comprometi com o nome de Eduardo Gomes’. (CAMARGO, 1984. p.332)

## 2.2 A Aliança Republicana.

A oposição era formada principalmente por dois importantes partidos: a União Democrática Nacional (UDN) e o Partido Republicano (PR) que abrigou um dissidente pessedista: José Pereira Lyra, concunhado de Ruy Carneiro e Ministro Chefe da Casa Civil do governo do General Eurico Gaspar Dutra. Além desses importantes apoios a Aliança Republicana contava ainda com outro importante trunfo: ter a máquina governamental, no plano estadual, a seu favor; pois nessa época Oswaldo Trigueiro ainda era o Governador do Estado.

Na região de Campina Grande o poder e domínio da economia local estavam nas mãos dos grandes produtores de algodão, que monopolizavam a produção desse gênero agrícola naquela região. Entre os grupos que comandavam essa produção estavam: a “Família do Ó”, do industrial Edvaldo do Ó; o Grupo SANBRA S.A. (Sociedade Algodoeira do Nordeste do Brasil), que se instalaram na Paraíba quando Argemiro ainda era Interventor, recebendo diversos incentivos fiscais; e a Companhia de Comércio e Prensagem do Algodão, de José de Brito Lira. Além do algodão, outro importante grupo econômico ligado a área açucareira também exercia certa influência naquela região: a “família dos Ribeiro”, que eram “representados” por Artur Freire de Figueirêdo (“testa de ferro” dessa rica família de usineiros), primo de Argemiro. Esses

grupos sócio-econômicos também apoiaram e financiaram a campanha de Argemiro durante as eleições de 1950.

Os candidatos escolhidos pela Aliança Republicana foram:

<b>GOVERNADOR</b>	<b>Argemiro de Figueirêdo:</b> chefe da UDN no Estado da Paraíba, ocupava nessa época o cargo de Deputado Federal.
<b>VICE-GOVERNADOR</b>	<b>Renato Ribeiro Coutinho:</b> usineiro pertencente ao “Grupo da Várzea”.
<b>SENADOR</b>	<b>José Pereira Lira:</b> um dos mais importantes Ministros do governo de Dutra, gozava de grande influência no Palácio do Catete.

Interessante frisar que o Presidente da República na época, o General Dutra, pertencia ao PSD nacional, porém no Estado paraibano ele apoiou a candidatura de Pereira Lira – ex-pessedista, ligado agora a UDN brigadeirista<sup>5</sup> – ao Senado. Dessa forma a Aliança Republicana além de contar com o apoio do governador do Estado, contava também com a ajuda do governo federal. Na corrida pelo poder a Aliança possuía outro importante apoio: a parcialidade dos redatores do jornal “A Crítica”, uma espécie de panfleto político da UDN que servia de divulgação das ações dos seus principais sindicatos.

### 3. Distúrbios em vários lugares do Estado.

Em pouco tempo, o pleito de 1950 foi se tornando profundamente desagregador, o clima de guerra foi se propagando aos poucos nos comícios. José Américo, em um memorável comício no Parque Sólon de Lucena, desferiu duras críticas contra o candidato da oposição.

Uma grande concentração de pessoas escutaram as palavras proferidas em um discurso antológico:

Rejubila-se a alma repatriada. (...) Volto. Voltar é uma forma de renascer. Ninguém se perde na volta. (...) Vamos todos sem vãos temores empreender uma campanha ativa e enérgica. Pode-se esmagar um homem, mas não se esmaga um povo. Não se sufocam idéias (RAMOS, 1991. P.37).

A população se manifestava nos comícios e passeatas ao longo dos últimos meses e o Estado estava dividido em dois blocos distintos, uma espécie de bi-

<sup>5</sup> “Brigadeirista” era o termo utilizado para designar a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes (UDN) à presidência da República.

polarização, onde de um lado se encontrava os partidários de José Américo e Ruy Carneiro, e do outro os partidários de Argemiro de Figueirêdo e José Pereira Lira.

Em diversos municípios e povoados os conflitos foram ganhando proporções alarmantes, levando a exaltação dos ânimos, confrontos, brigas, tiroteios e mortes entre os partidários dos dois lados (Coligação e Aliança). No município de Areia, chefiado por um udenista, o coronel Cunha Lima, “dois udenistas foram varados de bala no momento em que pregavam, nas ruas, retratos dos candidatos udenistas” (SYLVESTRE, 1982. P.211) segundo relato descrito pelo ministro Pereira Lira durante sua visita aquela região.

Contudo, como veremos adiante, o maior confronto se deu em Campina Grande, mais precisamente na Praça da Bandeira, no dia 09 de julho de 1950.

### **3.1 09 de julho: a “chacina da Praça da Bandeira”.**

Na tentativa de superar o gigantesco comício realizado pelos partidários da Coligação Democrática Paraibana, realizado no dia 28 de maio, a Aliança Republicana agenda um grande evento para o dia 09 de julho, durante a inauguração do novo prédio dos Correios e Telégrafos na cidade de Campina Grande. Através do boletim intitulado “Ao Povo” – encabeçado pela UDN e pelo PR – a Aliança Republicana convidava a população daquela cidade para comparecer a recepção que estava sendo preparada para a chegada do então ministro José Pereira Lira.

Naquele domingo festivo e ensolarado, uma multidão de pessoas chegava de todos os lugares do estado em caminhões e ônibus fretados pela Aliança Republicana. O ponto de concentração seria o Açude Velho, mais precisamente, entre as firmas SANBRA S.A. e Araújo Rique, onde a população aguardava a caravana que já havia partido da cidade de João Pessoa com destino a Campina Grande. Do Açude Velho a caravana percorreria as ruas Miguel Couto, Irineu Joffily e por último chegaria a Praça da Bandeira, o local escolhido para a instalação do grande palanque.

Se não foi absolutamente o maior, aquele comício nordestino, com artistas do Rio de Janeiro e numerosas caravanas do interior e da Capital do Estado, deve se situar entre as maiores concentrações políticas já ocasionadas em Campina Grande (SYLVESTRE, 1982. P.200).

Em importante entrevista concedida a nossa pesquisa, o coligacionista Mário Araújo – ex-vereador de Campina Grande, por quatro vezes, e irmão de Félix Araújo – afirmou que:



Colocaram de 80.000 a 100.000 mil pessoas. A entrada da cidade era pela Rua João Pessoa, de minuto em minuto era ônibus e carro cheio de gente. Então eles colocaram uma multidão enorme, uma multidão que eles não tinham em Campina Grande. Humilharam mesmo o nosso pessoal. (Entrevista realizada no dia 20 de maio de 2010).

Em protesto contra essa caravana e, em especial, à presença do professor Pereira Lira naquela cidade, por todos os lugares, os partidários pessedistas/mericistas passaram a usar laços pretos nos paletós ou nos bolsos das camisas e as mulheres nos vestidos longos.

Embora aquele dia parecesse perfeito para uma festiva celebração cívica, o que se verificou foram inúmeros desentendimentos e brigas que perduraram por todo o período da manhã até o termino dos shows, durante a noite, entre os partidários da Coligação e da Aliança. Segundo os coligacionistas as provocações da oposição começaram

(...) cedo com a agressão do filho do Sr. Alvino Pimentel, com os tiros desfechados contra a “Sorveteria Polonô”, com as arbitrariedades praticadas no Bairro de “José Pinheiro”, no bairro da Liberdade e no Alto da Conceição (SYLVESTRE, 1982. P.214).

Entretanto o conflito mais violento de todos ainda estava por acontecer!

### 3.1.1 O fatídico confronto.

O comício da Aliança Republicana transcorreu sem maiores problemas, pois tinha a autorização das autoridades competentes, na forma da legislação em vigor na época. Uma verdadeira multidão passou a assistir os discursos políticos e a vários artistas de rádio: “Cantores de projeção nacional, como Luiz Gonzaga, Emilinha Borba, Éster de Abreu e o acordeonista Sivuca, paraibano de Itabaiana (...)” (RAMOS, 1991. P.39).

Quando aquela festividade cívica havia chegado ao fim, após a apresentação dos artistas, um grupo de partidários do lado da Coligação Democrática passou a avolumar-se no entorno da Praça da Bandeira. Com lenços brancos<sup>6</sup> nas mãos, as centenas de pessoas passaram a dar “vivas ao Doutor José Américo” e outra parte do grupo passou a gritar “queremos passeata” (SYLVESTRE, 1982. P.201).

---

<sup>6</sup> Uma analogia ao terno branco usado por José Américo durante toda a Campanha de 1950. O lenço branco remetia-se também – como se observa no “Manifesto da Coligação Democrática Paraibana”- ao “símbolo da paz e do civismo” (SLVESTRE, 1982. P.214).

Segundo o relato de Mário Araújo, um dos coligacionistas que participou das manifestações durante aquele fatídico domingo:

Às seis horas terminou a promoção deles, a essa altura já muitos correligionários de José Américo já se movimentavam em todos os pontos da cidade, em pequenas passeatas. Quando terminou o comício deles que a Rádio Caturité, que pertencia ao professor Pereira Lira e Ernani Pereira Lira, saiu do ar, aí então os grupos começaram a sair em pequenas passeatas, de todos os cantos da cidade e encontrando outros grupos de americistas (Entrevista realizada no dia 20 de maio de 2010).

Em pouco tempo centenas de pessoas formaram uma massa humana que passou a percorrer as ruas perpendiculares e adjacentes a praça. A passeata foi avolumando-se e em menos de uma hora – mais precisamente entre as 20 e 21:00 horas – uma enorme multidão passou a ocupar a praça “dirigindo-se aos palanques, armados lado a lado, na esquina do Cinema Capitólio” (SYLVESTRE, 1982. P.202). Segundo relatos divulgados pelo jornal A União, o grupo, ao longo do caminho, dirigia insultos contra os seus adversários, chegando a tentar invadir as residências de alguns destes:

(...) entre as quais a do Sr. Artur Freire, onde se encontrava hospedado o deputado Renato Ribeiro, candidato a vice-governador do Estado pela União Democrática Nacional, e a dos srs. Veneziano Vital do Rego e Agripino Agra (A União, 11/07/1950. P.01).

Contrariando as ordens da polícia – pertencente ao governo udenista de Oswaldo Trigueiro – que havia proibido<sup>7</sup> qualquer outro tipo de manifestação, além daquela propagada pela Aliança Republicana, os irmãos Dumerval e José Trigueiro (o “Zequinha”) subiram em um dos palanques e assumiram a organização do “evento” na qualidade de oradores e representantes dos ideais da Coligação.

Antes mesmo do término dos primeiros discursos, o delegado de polícia foi até o palanque e exigiu que o grupo descesse daquele local e não insistissem com a manifestação. Foi nesse momento que uma confusão generalizada tomou conta do ambiente, socos, chutes e outras formas de agressão iniciaram a pancadaria que só terminou quando foram escutados os tiros desferidos contra a multidão.

O deputado federal João Agripino (UDN), um dos líderes da campanha argemirista no Estado, que participou do comício, contou anos mais tarde em entrevista que:

---

<sup>7</sup> Cerca de cinco requerimentos foram formulados pela Coligação Democrática (PSD) e indeferidos pela polícia local, todos eles relacionados à tentativa de realizar manifestações paralelas à da Aliança Republicana naquele 9 de julho.

Alguém impediu que o grupo da passeata tivesse acesso ao palanque, inclusive policiais impediram esse acesso. A proibição gerou discussão, conflitos, troca de tapa, tiro, e saíram todos aqueles ferimentos e mortes (CAMARGO, 1984, P.408).

Os irmãos Trigueiro – acusados pelos udenistas de terem iniciado a confusão quando ao invés de ocuparem o palanque da Coligação subiram no espaço do grupo adversário – foram retirados de baixo das pancadas dos cassetetes dos policiais que não perdoaram ninguém que estava próximo do palanque e em cima dele. Rajadas de metralhadora, estampidos de revólveres e pistolas ecoavam ao lado dos gritos das pessoas desarmadas, indefesas e desesperadas que passaram a correr sem direção.

O saldo da tragédia: onze pessoas atingidas pelos tiros, das quais uma em estado grave e dois mortos, além das pessoas espancadas, a exemplo de um bancário que apanhou até a morte.

#### **4. O resultado das eleições de 1950.**

Embora o retrospecto da campanha eleitoral não tenha sido favorável a um ambiente de paz e tranquilidade, na Paraíba as eleições, propriamente ditas, transcorreram de forma pacífica. Com o término das votações e apuradas todas as urnas estabelecidas nos diversos municípios do Estado, o povo elegeu, em 03 de outubro de 1950, como novo Presidente da República Getúlio Vargas, Vice-presidente, senadores, deputados federais e estaduais. José Américo foi o grande vitorioso, eleito governador do Estado com um total de 147.093 votos, tendo como vice-governador João Fernandes de Lima, importante figura no meio político, proprietário da Usina Monte Alegre, João Fernandes possuía grande influência política na região de Mamanguape, exercendo o mandato de deputado estadual pelo PSD e presidente da Assembléia Legislativa.

A Aliança Republicana representada por Argemiro de Figueirêdo e Renato Ribeiro Coutinho receberam 111.152 votos. Dessa forma verifica-se a vitória da Coligação Democrática Paraibana com uma diferença de 35.941 votos em relação à oposição.

Mas a maior de todas as vitórias se deu no próprio terreno argemirista, ou seja, no berço da atuação de Argemiro no Estado paraibano: a cidade de Campina Grande. Sem sombra de dúvidas esse acontecimento configura-se como a mais amarga de todas as derrotas já experimentadas por Argemiro frente ao poderio americista/pessedista nesses cinco anos após a redemocratização do país e criação da UDN em 1945.

Com uma diferença de 4.478 votos, José Américo (17.248 votos) supera Argemiro (12.770 votos). Ninguém jamais poderia imaginar – e nem mesmo o próprio Argemiro – que uma façanha destas poderia ocorrer, pois “(...) perder no Estado era uma contingência da luta. Perder na sua terra jamais lhe ocorrera essa hipótese” (SYLVESTRE, 1982. P.259).

**- REFERÊNCIAS:**

ALMEIDA, José Américo de. **A Bagaceira**. 32ª ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1997.

\_\_\_\_\_. **Eu e Eles**. 3 Ed. João Pessoa: A União, 1994.

**A UNIÃO**. Imprensa oficial do Governo do Estado da Paraíba. Período consultado: 01/07/1950 a 28/02/1951.

CAMARGO, Aspásia. **O Nordeste e a política: diálogo com José Américo de Almeida**. Aspásia Camargo e Eduardo Raposo. CPDOC/FGV - Fundação Casa José Américo de Almeida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

**DIÁRIO DE PERNAMBUCO**. Jornal do Diário Associados. Período consultado: janeiro de 1949.

LUNA, Maria de Lemos. **José Américo de Almeida**. Paraíba: Nomes do Século. Série Histórica, nº 17. João Pessoa: A União, 2000.

RAMOS, Severino. **Agripino: o Mago de Catolé**. João Pessoa: A União, 1991.

SYLVESTRE, Josué. **Lutas de vida e de morte; fatos e personagens da História de Campina Grande (1945/1953)**. Brasília, Senado Federal, 1982.